

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA**

Paula Carvalho de Andrade

**AUTORIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A FALTA DE PADRONIZAÇÃO COMO INDÍCIO DE DESINFORMAÇÃO**

Rio Grande,
2021

Paula Carvalho de Andrade

**AUTORIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A FALTA DE PADRONIZAÇÃO COMO INDÍCIO DE DESINFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fatima Maia, no ano letivo de 2020.

Rio Grande,
2021

Paula Carvalho de Andrade

**AUTORIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A FALTA DE PADRONIZAÇÃO COMO INDÍCIO DE DESINFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fatima Maia, no ano letivo de 2020.

Data de aprovação: ___ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria de Fátima Santos Maia

Orientadora

Prof.^a Dra. Renata Braz Gonçalves

Avaliadora

Me. Sabrina Simões Corrêa

Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, tenho que agradecer aos meus pais, Sonia e Paulo, por sempre me incentivarem e acreditarem em mim, por me mostrar que, por mais que o caminho seja difícil, não devemos desistir daquilo que sonhamos. O carinho e o amor de vocês, me fizeram me tornar a pessoa que sou hoje.

Ao meu namorado, Otávio, que não me deixou desistir e sempre estava aqui sendo meu parceiro, me compreendendo, me incentivando, me alegrando e vibrando a cada conquista minha. Obrigada por tudo.

Ao meu irmão, Marcelo, por ser meu defensor e estar sempre aqui disposto a me apoiar em todos os momentos da vida.

À minha cunhada, Cibele, a cada dia que passa, meu carinho e admiração aumentam. Tenho o prazer de dividir minha vida contigo.

À minha sobrinha, Maria Eduarda, que trouxe um grande significado à minha vida, é uma das minhas maiores incentivadoras, que torce por mim todos os dias e têm orgulho de tudo que venho me tornando.

À Simone e minha avó de coração, Jucira, por todo o carinho e acolhimento que sempre tiveram durante todos esses anos.

Ao meu amigo Christian, que esteve comigo desde a infância e compartilho praticamente todos os momentos da minha vida, sejam eles bons ou ruins.

Às minhas colegas Brenda, Cinthya e Pietra, que tornaram esses 4 anos de graduação mais leves. Obrigada por todo companheirismo durante esses anos.

À professora e orientadora Fátima, que tenho um grande carinho e admiração. Obrigada por suas orientações, trocas de ideias e todas as contribuições durante todo o curso e principalmente para o desenvolvimento deste trabalho.

A FURG por me proporcionar momentos que estarão para sempre em minha memória.

RESUMO

O presente trabalho, consiste em um estudo exploratório, que tem como objetivo, investigar se a precisão de designação de autorias, pode prejudicar na obtenção de informações sobre o impacto da produção científica dos pesquisadores da área da Ciência da Informação do Brasil. Foram abordados assuntos como, comunicação científica, questões de autoria no processo de catalogação, Índice H e a desinformação. A pesquisa tem como natureza descritiva e quantitativa. Foram analisados, 14 Programas de Pós Graduação da Ciência da Informação no Brasil, havendo 14 coordenadores e 10 vice coordenadores, todos os programas foram encontrados na Plataforma Sucupira. Para analisar as grafias dos nomes dos pesquisadores, foi utilizada a Plataforma Lattes, pois a base possibilita a divulgação de todas as abreviaturas conforme o desejo do pesquisador. Logo em seguida, foram utilizadas as bases SciELO e SCOPUS para verificar se havia a possibilidade de recuperar a mesma quantidade de artigos informados nos currículos Lattes, mas para nenhum dos autores foi possível recuperar o total de artigos, pelo contrário, foram encontrados menos da metade dos artigos indicados pelos pesquisados. O Índice H, é gerado através do número de publicações e citações, portanto, foi utilizada a base SciELO e SCOPUS para avaliar a produtividade dos pesquisadores e foi constatado que não é um indicador adequado para avaliar o impacto dos trabalhos realizados pelos pesquisadores da área da ciência da informação, pois havia grande disparidade de uma base para outra, ocorrendo a perda de muitas informações. Por fim, é perceptível que os pesquisadores brasileiros possuem dados limitados ao pesquisar por suas autorias, por isso, padronizar os nomes é de extrema importância, porque elimina a ambiguidade dos dados e evita as inconsistências, pois são principais fatores que geram a desinformação nas bases.

Palavra-Chave: Comunicação Científica. Autoria. Desinformação. Programa de Pós Graduação Ciência da Informação. Índice H.

ABSTRACT

The present work consists of an exploratory and documentary study, which aims to objective, to investigate whether the accuracy of the designation of authorship can impair the obtaining information on the impact of researchers' scientific production in the area of Information Science in Brazil. They were united as, Scientific communication, authorship issues in the cataloging process, Index H and misinformation. The research has a descriptive and quantitative nature. Were balance, 14 Graduate Programs in Information Science in Brazil, with 14 coordinators and 10 deputy coordinators, all programs were found on the Sucupira Platform. In order to analyze how the researchers' spellings were used the Lattes Platform, as the base makes it possible to disclose all the information abbreviations according to the researcher's desire. Soon after, it was used as SciELO and SCOPUS databases to check if there was a possibility of recovering the number of articles reported in the Lattes curricula, but none of the it was possible to recover the total number of articles, on the contrary, they were found less than half of the articles of those surveyed. The H Index, is generated through the number of publications and citations, therefore, SciELO and SCOPUS were used to assess the researchers' productivity and it was found that it is not an indicator adequate to assess the impact of the work carried out by the researchers of the area of information science, as there was a great disparity from one base to another, losing a lot of information. Finally, it is noticeable that Brazilian researchers have informed data when searching for their authorship, therefore, standardize the names is extremely important, because it eliminates the ambiguity of the data and avoids inconsistencies, as they are the main factors that generate misinformation at the bases.

Keyword: Scientific Communication. Authorship. Disinformation. Information Science Graduate Program. H. Index

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FI - Fator de impacto

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

GEMCI – Grupo de Estudos Métricos da Ciência da Informação

MEC - Ministério da Educação

OPACs - Catálogo de Acesso Público Online

ORCID - Open Researcher and Contributor Identifier

SCI – Science Citation Index

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SNPG - Sistema Nacional de Pós-Graduação

TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação

WoS – Web of Science

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação e respectivos coordenadores – Brasil, fevereiro de 2021	32
Tabela 2 – Número de diferentes grafias na designação de autorias dos trabalhos publicados por pesquisadores. Informações que constam nos Currículos Lattes.	33
Tabela 3 – Total de artigos de coordenadores de Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação em diferentes fontes de dados – Brasil, fevereiro de 2021...	35
Tabela 4 – Relação entre o número abreviaturas informadas nos currículos Lattes e válidas na recuperação da produção científica dos pesquisadores no SciELO e SCOPUS – Brasil, fevereiro de 2021.	36
Tabela 5 – Abreviaturas encontradas na SciELO e SCOPUS	37
Tabela 6 – Índices H dos Coordenadores e Vice Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Brasil, março de 2021.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Comunicação Científica.....	15
2.2 Autorias na comunicação científica.....	16
2.2.1 Análises de Citação e Índice H	21
2.3 Catalogação de autores.....	24
2.4 Desinformação gerada pela imprecisão de dados.....	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
3.1 Tipologia de pesquisa.....	30
3.2 Coleta de dados.....	30
3.3 Organização dos dados e análise dos dados.....	31
4 RESULTADOS	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Lista dos Programas de Pós-Graduação, siglas e links.	47
APÊNDICE B – Lista das Instituições e Respectivos Coordenadores	48
ANEXO A – Termo de reconhecimento de versão final do TCC	50

1 INTRODUÇÃO

A ciência é um empreendimento permanente cujas atividades são desenvolvidas coletivamente, a partir de processos de troca de ideias, compartilhamento de habilidades, críticas e avaliações que se retroalimentam continuamente.

A comunicação entre pesquisadores, denominada como comunicação científica, é que promove e proporciona a interação de conhecimentos e informações. Meadows (1999) afirma que a comunicação se situa no coração da ciência, pois é através dela que cientistas alcançam o reconhecimento e a legitimidade de seus trabalhos.

As formas de comunicação influenciaram o surgimento das revistas acadêmicas (também denominadas como periódicos científicos ou acadêmicos), que com o passar do tempo assumiram papel primordial nos processos que constituem a ciência. Qualquer atividade de investigação, pressupõe buscar informações sobre o que já foi realizado anteriormente sobre o mesmo tema, portanto, os trabalhos publicados em periódicos acadêmicos são os que fornecem sustentação para a realização de novas pesquisas.

A criação das primeiras revistas acadêmicas se deu a partir desta necessidade de troca de informações, primeiramente realizada através de cartas, depois da compilação de atas de encontros que aconteciam nas sociedades científicas, a partir do século XVII (MEADOWS, 1999).

Com o avanço da tecnologia e a explosão informacional, o uso de computadores se tornou instrumento indispensável para o aprimoramento da comunicação científica, visto que, os livros já não se constituem como o principal meio de busca e troca de informações.

É importante destacar também, que os processos de comunicação científica são influenciados não só pelos aspectos da tecnologia, mas de todas as características inerentes da sociedade, incluindo, por exemplo, rivalidades e interesses de qualquer natureza. Neste contexto, se inclui o que denominamos como desinformação. A qualidade e a possibilidade de recuperação de informação dizem respeito também com seu oposto, isto é, a sua inexistência ou precariedade, o que podemos denominar como desinformação. Atualmente, com as facilidades de

disseminação proporcionadas pelas tecnologias de comunicação nos deparamos com muitas informações sem veracidade e/ou desqualificadas.

No idioma inglês existe distinção para o termo desinformação que usamos em português. Na literatura sobre o tema, “*disinformation*”, é usado para informações falsas e errôneas criadas com a intenção de enganar alguém, e “*misinformation*” é o termo usado para informações erradas, parciais ou de má qualidade que enganam as pessoas sem que haja uma intencionalidade prévia de prejudicar (TUDJMAN; MIKELIC, 2003). Um exemplo de “*disinformation*” seria o que frequentemente vemos no âmbito da política, quando um governo intencionalmente engana pessoas para obter vantagens; “*misinformation*” pode ser exemplificado, como um banco de dados com informações parciais que podem prejudicar o entendimento de uma situação, pelo simples fato de ser incompleto. Na língua portuguesa não existe esta distinção, mas o sentido de desinformação que se pretende explorar neste trabalho é o da “*misinformation*”. (TUDJMAN; MIKELIC, 2003)

A ciência da informação tem forte relação com a desinformação, no sentido de predominar a não intencionalidade de prejudicar, mas, se não estiver comprometida com a qualidade, acaba disseminando desinformação. Processos de catalogação e indexação desqualificados podem gerar desinformação.

Assim, partindo destes pressupostos, neste trabalho foi explorada a questão da desinformação no contexto das informações incompletas, inconsistentes e não padronizadas.

1.1 Justificativa

Esta pesquisa teve como origem as atividades realizadas no Grupo de Estudos Métricos da Ciência da Informação (GEMCI), no qual tive contato como bolsista voluntária da professora Maria de Fátima Maia, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. No GEMCI, em 2018 e 2019, foi realizada uma pesquisa que visava investigar a inserção de mulheres na ciência brasileira, a partir das autorias em artigos das ciências agrárias. No decorrer das atividades, foi possível verificar a existência de muitas informações incompletas ou confusas nas autorias de artigos disponíveis em periódicos indexados no portal SciELO¹. Verificou-se que a abreviatura dos prenomes impedia a identificação de autores homens ou mulheres, aspecto fundamental para

¹ Mais informações sobre o SciELO estão disponíveis em: www.scielo.org

um trabalho que pretendia identificar a inserção das mulheres na ciência através da participação como autoras em artigos científicos. Além da incompletude das informações, também se constatou falta de padronização na grafia dos nomes de diversos autores. A partir desta experiência, foi possível refletir sobre a importância da padronização de dados, pois essas divergências provocam ambiguidades, dúvidas e erros que podem ser vistos como uma faceta do que se entende por desinformação. Acredita-se que falta de qualidade dos dados pode provocar desinformação, pois não reflete a verdadeira dimensão do que se deseja representar.

No que diz respeito às autorias, um exemplo recorrente é a falta de padronização de nomes que pode impactar em avaliações errôneas sobre a produção científica, seja, entre outros, de pesquisadores individuais, instituições ou países. Os processos de avaliação são parte essencial das atividades científicas, pois a partir de avaliações positivas é que são conquistados novos investimentos. No nível individual, pesquisadores bem avaliados conseguem alcançar recursos financeiros, materiais ou compor melhores equipes. Em nível macro, isto é, para instituições ou países, obter bom desempenho em avaliações traz reconhecimento e novos investimentos. Portanto, os processos de avaliação são parte essencial de fomento, estímulo e sustentação de toda a cadeia que move a ciência.

Dito isso, vale salientar que, no âmbito da comunicação científica existem diferentes maneiras de conduzir avaliações, porém as mais utilizadas são as quantificações de publicações e citações e para isso, faz-se necessário consultar as bases que organizam dados bibliográficos. Atualmente, as bases de dados bibliográficas coletam informações no conteúdo de periódicos acadêmicos de maneira automática, portanto, a grafia dos nomes de autores precisa ser informada corretamente. Assim, se pode concluir que quando se agrupam as informações disponíveis nestas bases de dados, se houverem disparidades, desinformações podem ser geradas.

Como já mencionado, durante as atividades no GEMCI verificou-se que nas consultas no portal SciELO, a incompletude dos nomes dos autores determinou o descarte das informações de alguns periódicos e isso pode provocar algum impacto nos resultados obtidos. Em qualquer pesquisa acadêmica, a perda de informações é

um problema que se deve evitar, mas neste caso não houve alternativa, pois era impossível identificar pelas iniciais se os autores eram homens ou mulheres.

Desse modo, este trabalho se justifica, pois traz uma questão importante para a área da ciência da informação e biblioteconomia que é a desinformação provocada por problemas de má qualidade na padronização de registros bibliográficos.

Assim, partindo destas reflexões se pode sintetizar que a questão norteadora desta pesquisa é: a falta de padronização dos nomes de autores pode impactar na obtenção de informações sobre a produção científica de pesquisadores?

1.2 Objetivos

A seguir são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos da presente pesquisa.

1.2.1 Objetivo geral

Investigar se a precisão de dados na designação de autorias pode prejudicar a obtenção de informações sobre a produção e impacto da produção científica de pesquisadores da área da Ciência da Informação no Brasil.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar os coordenadores e vice coordenadores dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.
- Quantificar os artigos publicados em periódicos de cada pesquisador conforme informações disponíveis em seus currículos na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)².
- Reunir as diferentes grafias dos nomes dos coordenadores e vice coordenadores, informados nos seus currículos Lattes;
- Relacionar as quantidades informadas nos currículos na Plataforma Lattes do CNPq e as recuperadas na base de dados SCOPUS³ e SciELO⁴

² Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>

³ Mais informações disponíveis em: <http://www.scopus.com>

⁴ Mais informações disponíveis em: www.scielo.org

- Verificar os Índices H dos coordenadores e vice coordenadores nas bases de dados bibliográficas SCOPUS e SciELO, utilizando as diferentes grafias informadas em seus currículos Lattes.
- Analisar se as variações nas grafias dos nomes de podem determinar diferenças na obtenção dos Índices H.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção, tem como objetivo, abordar aspectos teóricos que contextualizam o que se pretende investigar, a saber: comunicação científica, as questões de autoria nos processos de catalogação, Índice H e a desinformação.

2.1 Comunicação Científica

A comunicação científica, é parte indispensável para o crescimento da ciência. No século XVII, os cientistas tinham a preocupação em discutir sobre os trabalhos que realizavam, com outras pessoas interessadas nas mesmas temáticas. Além disso, já entendiam a influência que determinadas descobertas tinham na sociedade.

Os estudos sobre estes fatos e processos, isto é, entender os elementos e as relações das atividades da comunidade científica, só começou a se desenvolver mais recentemente, em meados do século XX. A publicação da obra *Little Science, Big Science*, de Derek de Solla Prince, em 1963, pode ser considerado um evento que suscitou e ampliou o interesse de estudos sobre os processos que envolvem a comunicação de resultados de pesquisas. Desde então, o campo da comunicação científica vem crescendo e se aprofundando em todas as áreas do conhecimento (MEADOWS, 1999). Comunicar e compartilhar conhecimento faz parte do que se denomina como socialização da ciência.

A comunicação científica, é um campo profícuo para os estudos da ciência da informação, pois mostra diferentes abordagens sobre o compartilhamento de conhecimento entre os pares. Desta forma, estudos têm trazido diferentes olhares sobre o fazer e comunicar ciência, tais como, entre outros, trabalhos sobre influência da tecnologia (GRUSZYNSKI; GOLIN, 2006), questões que envolvem direitos autorais (OLIVEIRA, 2008), o impacto dos trabalhos publicados (STREHL, 2005), as redes de colaboração entre pesquisadores (MAIA; CAREGNATO, 2008) ou desigualdades de acesso. (RIBEIRO; BORBA; HANSEN, 2019)

A ciência é construída através de grandes debates que acontecem entre os pesquisadores, pois nas publicações de resultados, também são parte integrante dos artigos científicos, os métodos utilizados, que muitas vezes influenciam trabalhos subsequentes. Conforme Firme, Miranda e Silva (2017), a comunicação científica é primordial para o crescimento da educação, pois o conhecimento transferido traz

novos questionamentos, em um processo contínuo de discussões e aperfeiçoamento que podem determinar mais conhecimentos, inovações e desenvolvimento social.

A comunicação científica revela respostas e caminhos para questões específicas em todas as áreas, tornando o trabalho de autores reconhecidos, permitindo testar a confiabilidade dos resultados e reduzindo a possibilidade de disseminar informações que não sejam verdadeiras.

Meadows (1999, p.7) afirma que a comunicação científica é a própria essência do conhecimento científico, sendo a comunicação para a ciência “tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Isto exige necessariamente que seja comunicada”.

2.2 Autorias na comunicação científica

Ao longo do tempo, desde o surgimento das primeiras revistas acadêmicas no século XVII, os processos de comunicação científica têm recebido forte influência das mudanças e avanços da tecnologia (MEADOWS, 1999). Inicialmente, no formato manuscrito, passando pelo impresso e atualmente digital, os suportes e processos de trocas de informações entre cientistas se adequaram, ao longo da história, às ferramentas e facilidades disponíveis. Entretanto, é necessário destacar que estas mudanças são graduais, e a diversidade de formatos convivem, muitas vezes, por longos períodos (GRUSZYNSKI; GOLIN, 2006).

Neste contexto de mudanças, se destacam os aspectos que dizem respeito às autorias. Ressalta-se, por exemplo, o fenômeno conhecido como "*publish or perish*" (publicar ou perecer), que trata de maneira crítica, a ideia equivocada de que o mais importante é publicar muitos trabalhos, pois do contrário, a carreira acadêmica de um pesquisador, tende a perecer.

Monteiro et al. (2004, p.2) afirma que " [...] o julgamento da produção científica é um processo difícil e controverso, e que vai além do número de publicações e do fator de impacto delas". Entretanto, sabe-se que a quantidade de trabalhos publicados ainda é o critério mais utilizado e reconhecido nas avaliações da ciência, seja nos trabalhos de pesquisadores específicos, assim como no nível macro, como de instituições, regiões geográficas ou países.

A supervalorização da quantidade de publicações tem se refletido no aumento do número de autores em artigos científicos (VANZ, STUMPF, 2010). Portanto, a avaliação da produção científica em todos os níveis é uma atividade complexa, pois envolve muitos e diferentes fatores determinantes. Neste sentido, se destaca a afirmativa de Petroianu (2009, p.1):

Não existindo padrões estabelecidos, cabe ao examinador guiar-se por opiniões pessoais decorrentes de sua experiência e sujeitas a múltiplos conflitos de interesse. Essa falta de normas pode, eventualmente, resultar em parcialidade e falta de uniformidade até dentro de uma mesma comissão examinadora.

A falta de critérios nas avaliações, pode ter consequências negativas e resultados equivocados. Monteiro, *et al* (2004) relatam que há desvios nas práticas de pesquisa, incluindo questões éticas na designação de autoria em publicações científicas. O aumento da valorização da quantidade de trabalhos publicados, refletiu no crescimento do número de autores e inclusões de coautores de forma desonesta e injustificada. Vale destacar os tipos de problemas que acontecem nas coautorias de trabalhos acadêmicos, sintetizados pelos mesmos autores:

- **Autoria e/ou coautoria “convidada” (*guest authors*):** pessoas que foram incluídas como autores sem terem participado no desenvolvimento do trabalho. Trata-se de uma estratégia para aumentar a produção científica, sendo realizada a partir de acordos entre pesquisadores para buscar maior prestígio e reconhecimento. Os autores mencionam que em trabalhos sobre o tema apontam que este problema acontece em cerca de 17% a 33% de publicações acadêmicas (MONTEIRO, et al., 2004).
- **Autoria e/ou coautoria “pressionada”:** acontece quando um pesquisador exige a inclusão de seu nome em trabalhos desenvolvidos por membros que compõe sua equipe, mesmo que ele não tenha participado efetivamente do seu desenvolvimento (MONTEIRO, et al., 2004).
- **Autoria e/ou coautoria “fantasma”:** é a exclusão de nomes de pessoas que participaram do trabalho, mas que por motivos diversos não é recomendada a coautoria. O autor fantasma, pode acontecer quando não há um bom relacionamento de um autor com órgãos financiadores. Ainda em tempo, mencionam que esta prática acontece em 11% de artigos publicados em periódicos com revisão por pares. (MONTEIRO, et al., 2004)

Ainda em tempo, é importante destacar as definições de autoria conforme a Nassi-Calò (2018) porque:

Pode variar de acordo com a disciplina, a cultura dos países e até mesmo entre grupos de pesquisa em uma mesma disciplina. É importante ressaltar que em qualquer caso autoria implica em ambos crédito e responsabilidade, algo que muitas vezes autores incluídos indevidamente não parecem considerar. (NASSI-CALÒ, 2018)

Estes desvios e práticas não são inofensivos, pois podem prejudicar os financiamentos e promoções acadêmicas e, principalmente, afetar, negativamente, na credibilidade da ciência. Esse abuso na autoria muitas vezes não interfere na eficiência da ciência, mas corrói a honestidade e a ética. (HUTH, 1985)

autoria possui diversas formas de contribuir e aprimorar os impactos que as publicações científicas possuem. A padronização de autores é uma delas, pois está relacionada com diversos aspectos como de responsabilidade, direito autoral ou reconhecimento de conteúdos e métodos.

Os problemas de ambiguidade dos nomes de autores em artigos científicos, são muito encontrados, devido a facilidade e a variedade da busca de informação em diversas bases de dados. Pode-se dizer que, atualmente, um dos problemas que dificultam a avaliação da produção científica de um país, instituição e pesquisador, é a falta de exatidão na padronização dos nomes dos autores, pois muitos autores possuem grafia semelhante e isso dificulta no momento da recuperação e localização de informações.

Hood e Wilson (2003) eles especificam que esses problemas são subdividido em três categorias. A primeira é a falta de consistência ou erros de dados em nível macro, dando o exemplo de problemas voltados a variação de grafias e erros ortográficos, indexação incorretas, duplicidade de título de periódicos e variação na abreviatura de autores. O segundo grupo, é voltado ao uso das bases de dados com propósitos bibliométricos em nível macro, havendo a duplicidade de registros, atraso na indexação, falta de padronização em dados, entre outros. Já o último grupo, é referente a problemas que são encontrados na própria base, como a falta de ferramentas amigáveis que sejam adequadas para a análise bibliográfica, podendo possibilitar estudos *offline*.

A padronização de nomes de autores em publicações acadêmicas, envolve o uso de ferramentas como tesouros e índices que permitam identificar diferentes maneiras de mencionar autoridade para uma mesma pessoa ou entidade.

A ambiguidade de nomes, é um dos principais problemas que dificultam a localização da produção científica de pesquisadores e/ou instituições. Abreviatura do primeiro nome, escolha de sobrenome principal, ortônimo (é utilizado seu nome real em uma obra, sem pseudônimo.), heterônimo (personagem fictício, criado por um escritor que possui um personagem), homônimo (nome cuja pronuncia e grafia são iguais a outra palavra), nome de solteira ou casada e pseudônimo (nome fictício utilizado pelo autor como alternativa para o seu nome verdadeiro).

A padronização de nomes de autores é primordial para a visibilidade, seja dos próprios autores ou instituições, pois permite, além da identificação, o compartilhamento de dados de maneira qualificada. É importante destacar a necessidade dos autores registrarem em diretórios de pesquisadores para a padronização dos seus nomes, apresentando sempre a forma alternada e a forma escolhida. Alguns desses diretórios são o *ResearcherID*, *ORCID* e Currículo Lattes que podem contribuir como instrumento de padronização de nomes. (ANGELON; CALEPICOLO, 2016)

No campo editorial, alguns periódicos até mencionam regras relacionadas à padronização do nome de autores no momento da submissão de artigos por seus autores, pois só assim conseguirá manter um padrão dentro do periódico. (ANGELON; COLEPICOLO, 2016). É fortemente recomendado, que os autores padronizem a forma de mencionar seus nomes, pois assim será possível encontrar facilmente suas publicações e ter uma ideia sobre a sua produção científica na totalidade. No nível de instituições, países, regiões, cidades ou títulos de periódicos, a padronização da grafia de seus nomes é uma ferramenta que garante visibilidade.

É importante mencionar que os diretórios foram criados para organizar a identificação de diferentes elementos relacionados com atividades científicas, integrando hierarquicamente indivíduos ou grupos que trabalhem com linhas comuns de pesquisa.

Há diversos diretórios que auxiliam na identificação de autor e proporcionam integração de informações. O *ResearcherID*, foi criado em 2008 pela empresa *Thomson Reuters*, estando entre os sistemas pioneiros de identificação de autores em publicações científicas, no âmbito internacional. Trata-se de um número de identificação de autores, que tem o propósito principal de solucionar os problemas de

identificação de autoria devido a diferentes grafias de nomes. (ANGELON; COLEPICOLO; 2016).

Atualmente, o sistema é gerenciado pelo *Web of Science Group*⁵, e disponibiliza um banco de dados que permite recuperar as diferentes grafias de autores, possibilitando também, a identificação de seus principais colaboradores para que os autores consigam juntar suas publicações em uma conta, dando maior visibilidade para os pesquisadores e trabalhos desenvolvidos durante sua carreira. Proporciona também, a identificação dos pesquisadores que possuem áreas de pesquisa relacionada a sua. A base disponibiliza e gerencia lista de publicações, contagens de citações e os Índices H.

Outro exemplo é o *Open Researcher and Contributor Identifier (ORCID)*⁶, sistema criado por uma organização internacional sem fins lucrativos, que também propõe um número identificador para autores. O *ORCID* é um código interoperável que também viabiliza a importação e a exportação de dados. (ANGELON; COLEPICOLO; 2016).

Bases de dados bibliográficas como SCOPUS e *Web of Science* permitem buscar pelos identificadores numéricos de autoria (*ResearchID* e *ORCID*). A partir do uso destes identificadores, é possível agrupar a produção científica de pesquisadores. Estas ferramentas aprimoraram a precisão das buscas em bases de dados bibliográficas.

A base SCOPUS foi lançada em 2004, pela editora Elsevier, em 2013 contava com cerca de 21.000 títulos de mais de 5.000 editoras internacionais. As contagens de citações acontecem desde 1996, considerando-se a maior base de cobertura de resumos, textos da literatura brasileira e internacional. É importante destacar também, que a SCOPUS foi precursora do Índice H como ferramenta bibliométrica em seu banco de dados. (SCOPUS, 2020)

Vale citar a base de Currículos Lattes, que é uma plataforma brasileira mantida pelo CNPq, que permite localizar informações sobre a vida acadêmica de pesquisadores (ANGELON; COLEPICOLO, 2016). A ferramenta de inserção de dados dos Currículos Lattes, disponibiliza um campo para inclusão dos identificadores de

⁵ Mais informações disponíveis em: <https://www.researcherid.com/#rid-for-researchers>

⁶ Mais informações disponíveis em: <https://orcid.org/>

autoria (*ORCID*, *ResearchID*) e outro que possibilita os pesquisadores informarem diferentes grafias para os seus nomes.

Assim, a existência destas ferramentas pode ser considerada como indicativo da preocupação da comunidade científica em relação ao problema de padronização nas autorias de trabalhos acadêmicos.

A seguir será abordado o Índice H, que é uma ferramenta que permite analisar o impacto das atividades científicas, sendo que a falta de padronização de autoria pode prejudicar a sua determinação.

2.2.1 Análises de Citação e Índice H

Eugene Garfield, em 1955, foi o primeiro pesquisador a perceber a importância das citações para analisar o uso de informações e o impacto de publicações, partindo do pressuposto de que quanto mais citado determinado trabalho, mais potencial de qualidade ele tem no contexto da sua área ou campo do conhecimento⁷. O trabalho de Garfield deu origem ao Fator Impacto (FI), instrumento empregado na avaliação da qualidade de publicações periódicas. Calculado a partir da razão entre número de artigos publicados e citações, é usado como critério de seleção dos periódicos indexados na base de dados *Science Citation Index (SCI)*.

Publicar em periódicos com alto FI poderá dar maior visibilidade aos trabalhos publicados por autores de qualquer área do conhecimento (TOMAZ; ASSAD; MOREIRA, 2011). Conforme os mesmos autores, “[...] os bibliotecários veem o FI como um parâmetro de seleção dos títulos de maior interesse científico e que, portanto, deverão compor o acervo das instituições” (TOMAZ; ASSAD; MOREIRA, 2011, p. 90).

Ao longo do tempo, com o aumento da produção científica em diversas áreas dos conhecimentos, se impõe a necessidade de avaliação da ciência como um todo, incluindo os pesquisadores, países e instituições. Estas avaliações subsidiam a distribuição de recursos e apoiam as atividades de instituições de pesquisas e políticas científicas governamentais. Estudos métricos sobre citações são

⁷ Para saber mais sobre Garfield consultar: <https://blog.scielo.org/blog/2017/03/03/in-memoriam-eugene-garfield-1925-2017/#.YHS4k-hKhnl>

considerados ferramentas confiáveis nos processos de avaliação de impacto de atividades científicas (GRÁCIO; OLIVEIRA 2010).

O Índice H surgiu em 2005, com uma proposta realizada pelo físico argentino Jorge Hitsch, professor da Universidade da Califórnia - San Diego, como uma forma de combinar quantidade e qualidade nos estudos de citação. Criado inicialmente para avaliação do impacto do trabalho desenvolvido por pesquisadores da área da física, com o passar do tempo ganhou visibilidade em todas as disciplinas. O Índice H se tornou um dos principais cartões de visita para pesquisadores, sendo amplamente aceito como critério para avaliar o desempenho individual de pesquisadores.

Atualmente, é possível encontrar variantes do Índice H usados para criar *rankings* entre países, revistas científicas e universidades. Para Henry Schaefer, professor da Universidade da Geórgia, Atenas, nos Estados Unidos, um dos responsáveis pela compilação da lista da “*H-index ranking of living chemists*”⁸, as críticas sobre os Índices H nunca cessaram, pois o *ranking* supervaloriza o indicador e não a qualidade (MARQUES, 2013).

Quanto maior o Índice H de um autor, maior a probabilidade de que ele desenvolva trabalhos qualificados. O Índice H é calculado, a partir da relação entre o número de citações e publicações, ou seja, um pesquisador com Índice H = 40, é aquele que publicou 40 artigos científicos, que foram citados por pelo menos 40 vezes cada um, em trabalhos subsequentes. Sendo assim, quanto maior o índice mais probabilidade de o pesquisador ganhar destaque e reconhecimento no âmbito da comunidade acadêmica na qual está inserido. Conforme Grácio e Oliveira (2010, p. 125)

O Índice apresenta algumas características: é um valor que nunca decresce no decorrer da trajetória de um pesquisador, porém, à medida que se avança no valor do Índice, requer dele um maior esforço; seu aumento não é linear, pois o indicador não é totalmente influenciado pelo número de trabalhos publicados, mas está fortemente associado ao número de citações; seu valor depende da natureza da área do pesquisador. Pesquisadores advindos de áreas que não são *mainstream*⁹ não alcançarão valores altos de Índice H, como aqueles que trabalham em áreas mais destacadas da ciência.

Existem limitações em como comparar as pesquisas através dos Índices H, se os pesquisadores estiverem em estágios diferentes na carreira, ou até mesmo,

⁸ Classificação de Índice H de químicos vivos, disponível em: [https://www.rsc.org/images/H-index%20ranking%20of%20living%20chemists\(December%202011\)_tcm18-211414.pdf](https://www.rsc.org/images/H-index%20ranking%20of%20living%20chemists(December%202011)_tcm18-211414.pdf)

⁹ *Mainstream* - os canais mais importantes de comunicação científica internacional (MEADOWS, 1999)

comparar o desempenho em diferentes áreas. Na área das Ciências Naturais, o Índice H se tornou uma ferramenta indispensável, pois um índice elevado pode indicar determinado pesquisador realizou estudos importantes na sua área de atuação (MARQUES, 2013).

Já na área das Ciências Humanas, os resultados de pesquisa são publicados muitas vezes em livros, sendo este formato tão importante quanto os artigos de periódicos em outras áreas. Porém, como a maioria das bases de dados não indexa livros, os Índices H de pesquisadores das Ciências Humanas podem ser menores e isso não significa um trabalho desqualificado. Portanto, o Índice H, nem sempre é o melhor recurso para avaliar a produção científica de pesquisadores.

O Índice H ele não pode ser considerado um número estático, pois o artigo pode continuar recebendo citações ao recorrer dos anos, por isso, pode-se dizer que o cálculo é feito através dos números de artigos publicados por um autor que tenham sido citados por um número igual ou maior aos artigos publicados por ele. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2019)

O Índice H, é utilizado para quantificar a produtividade de cada pesquisador e de grupos, baseando-se principalmente em seus artigos. Nesse sentido, o Índice H sintetiza o desempenho de um autor.

Entre as diferentes fontes para identificação dos Índices H dos pesquisadores se destacam: todas as bases de dados bibliográficos disponíveis pela *Web of Science*, incluindo SciELO, a base de dados bibliográficos e SCOPUS. No Google Acadêmico também é possível obter Índices H, mas há muita duplicação de dados.

O Índice H, é reconhecido internacionalmente como ferramenta adequada para avaliar o impacto do trabalho desenvolvido por pesquisadores. O Índice H, dependendo da área e do contexto, é usado como instrumento para auxiliar em tomadas de decisões sobre distribuição de recursos, prêmios e promoções na carreira. Por isso, o desempenho é melhor que os outros indicadores isolados, pois tem como fator de impacto, número de citações, artigos altamente citados como uma maneira de quantificar e avaliar o desempenho e a produtividade científica de um pesquisador. (MARQUES, 2013)

Portanto, informações sobre o Índice H se torna importante para avaliar a qualidade do trabalho individual, e o conjunto de informações da comunidade científica pode servir como indicador da ciência realizada por instituições e países.

Vale destacar, que o Índice H é amplamente reconhecido e aceito, porém, conforme já mencionado, pode não ser adequado para avaliar pesquisadores de áreas como as Artes e Ciências Humanas, que costumam usar outras formas de comunicação entre pares. Usar Índice H sem levar em conta as particularidades de cada área pode gerar injustiças, por exemplo, na distribuição de recursos e incentivos.

2.3 Catalogação de autores

O campo da Ciência da Informação, abrange diversas atividades que constituem o fazer profissional e, constantemente, investigações dão origem para novos métodos, técnicas e ferramentas de processamento, uso e disseminação de informações. Neste contexto, os profissionais da área necessitam, permanentemente, aprofundar seus conhecimentos para lidar com o surgimento de novas demandas, especialmente àquelas relacionadas com o uso de tecnologia. Nesse sentido, para dar conta deste contínuo aperfeiçoamento, é necessário estimular estudos que proporcionem ligações entre sistemas de informações e busca da informação (NAVES, 2001).

O campo da Organização do Conhecimento inclui especialmente a organização da informação em registros bibliográficos. Dentro do mesmo escopo da Organização do Conhecimento, a recuperação da informação busca por técnicas de representação do conteúdo de informações para que sejam facilmente utilizadas por quem delas necessita (HJORLAND, 2003).

O tratamento da informação, tem como finalidade, a difusão das unidades de informação, pois o tratamento documentário é o que irá tratar da descrição do conteúdo até a sua armazenagem e o controle de como esse documento chegará em sua difusão. Dias (2001, p. 3) exemplifica, que é necessário esse tratamento principalmente pela recuperação de toda a informação, sendo assim, possível "[...] a função de descrever os documentos, tanto do ponto de vista físico (características físicas dos documentos) quanto do ponto de vista temático (ou de descrição do conteúdo)."

O tratamento temático, tem como principal finalidade, a recuperação de informações para que o usuário consiga localizar o que precisa de maneira rápida e eficaz. Para que isso aconteça, conforme Fujita (2003), são necessários processos de sumarização da informação que dão origem, por exemplo, aos índices, catálogos, sistemas de classificação que possibilitam a recuperação de informações pertinentes aos interesses dos usuários.

Sintetizando, para que haja uma ligação satisfatória entre o usuário e a informação, é necessário haver a mediação de profissionais capacitados no tratamento e uso de informações.

Fujita (2003) relata que para compreender o tratamento da informação, incluindo suas atividades e operações, é preciso conhecimento de cunho teórico e metodológico. Sendo assim, é necessário conhecer os processos de catalogação, ou seja, ter entendimento sobre como a informação é representada a partir de elementos básicos, tais como, entre outros, autoria, título, editor, edição ou data.

Na década de 1960, algumas bibliotecas, principalmente nos Estados Unidos, começaram a utilizar computadores para suprir as dificuldades de organizar informações em um momento de crescimento científico, econômico e tecnológico (RAYWARD, 2002). Estes procedimentos de automação, podem ser divididos em quatro períodos cronológicos: 1) uso da computação offline (década de 1960 e início da década de 1970); 2) surgimento dos sistemas online (década de 1970); 3) surgimento dos microcomputadores e CD-ROM (década de 1980) e 4) revolução da Internet (década de 1990) (RAYWARD, 2002, p. 13). O surgimento dos sistemas online, facilitou imensamente a disponibilização de catálogos digitais, intitulados *Online Public Access Catalogs* (OPACs) ou traduzido por Catálogos públicos de acesso online. Estes sistemas online, tinham baixos custos para as bibliotecas, havendo uma capacidade de processamento e armazenamento dos computadores, contribuindo para a manipulação de arquivos extensos e adaptando em um formato de arquivo digital.

O catálogo, no domínio bibliográfico, surgiu para a recuperação de informações sobre um recurso informacional e para distinguir o tipo de acervo que tem uma determinada instituição ou conjunto de instituições. O catálogo não se baseia apenas em recursos informacionais digitais, mas considera também, por exemplo, livros,

mapas e documentos audiovisuais. Estão relacionados as pessoas e entidades coletivas responsáveis pela a criação de conteúdos e conceitos que possui.

Na catalogação descritiva são utilizados estes nomes de diversas formas, pois são pontos de acessos, nos quais, serão representadas as entidades em um catálogo, e atuam principalmente na facilitação dos processos de busca e navegação. Os usuários, muitas vezes, não possuem conhecimento do nome da entidade, porque cada autor pode apresentar diferentes formas de identificação. Deste modo, se torna primordial manter controle de todos os pontos de acessos e reuni-los numa mesma entidade, pois assim, o usuário poderá encontrar todos os recursos informacionais da entidade desejada. (ASSUMPÇÃO, 2015).

Os pontos de acessos, nos catálogos são como as entidades são conhecidas e como elas se representam. O controle de autoridade, surgiu através da falta de univocidade das entidades e pela necessidade do controle do vocabulário, trazendo uma eficiência na recuperação da informação dos catálogos e não seria prejudicada pela omissão de registros bibliográficos e pelo registro bibliográfico sem relevância.

É necessário fazer a distinção entre trabalho de autoridade e controle de autoridade, estes termos podem ser empregados equivocadamente, pois muitas vezes são tratados como sinônimos. Para Burger (1985, p.3) “[...] o trabalho de autoridade permite o controle de autoridade ocorrer”, já o controle de autoridade poderá ser “[...] alcançado quando os cabeçalhos em um catálogo estão consistentes e quando um mecanismo (o arquivo de autoridade) e políticas de catalogação relacionadas são estabelecidos para assegurar esta consistência” (BURGER, 1985, p.1)

Para Burguer (1985, p.3) o controle de autoridade é alcançado mediante os procedimentos agrupados sob o termo trabalho de autoridade:

1. a criação de registros de autoridade (que, por sua vez, são utilizados para criar registros bibliográficos autorizados);
2. a compilação de registros em um arquivo de autoridade;
3. a vinculação do arquivo de autoridade ao arquivo bibliográfico; juntos eles formam um sistema de autoridade;
4. a manutenção do arquivo e do sistema de autoridade;
5. a avaliação do arquivo e do sistema de autoridade.

Para fazer o controle de autoridade, é necessário um conjunto de atividades e metas. Entretanto, o controle não é uma ação em si, mas pode ser alcançado por meio de uma ou mais ações. Pode-se concluir que, o controle de autoridade, serve para representar os catálogos que ainda são consistentes para uma entidade. Já na catalogação descritiva, além de ser representadas por entidades coletivas, famílias e pessoas, poderá ser compreendido também como: pontos de acesso de localizações geográficas, obras, séries, expressões. (ASSUMPÇÃO, 2015).

2.4 Desinformação gerada pela imprecisão de dados

O acesso às fontes de informações, é uma das tarefas que se tornaram primordiais na atualidade. Entretanto, pode-se dizer, que não basta apenas possuir acesso a todos os tipos de informações, é necessário veracidade e qualidade na informação que está sendo obtida, evitando qualquer tipo de desinformação.

A Constituição Brasileira (1988) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) garantem aos cidadãos do Brasil e do mundo o acesso à informação como direito fundamental, uma vez que a informação é força poderosa e valiosa que envolve toda a transformação proporcionada pelo homem na sociedade atual e se faz mister no exercício da cidadania. (ARAÚJO, 1991).

Vivemos em uma sociedade que a disseminação de informação se torna inerente para cada indivíduo, possui fator de produção indispensável para que cada pessoa construa seu próprio conhecimento e passe isso para outras pessoas. Os serviços de disseminação de informação, surgiram na década de 1960, e se manifestaram como forma de reduzir os esforços dos cientistas, tendo como principal objetivo a recuperação de informação. É importante destacar, que nas bibliotecas especializadas, os serviços de disseminação de informação eram elaborados manualmente, ou seja, só possuem um acervo local de periódicos, onde os usuários poderiam consultar de acordo com sua área.

Pode-se dizer que, a sociedade da informação é caracterizada por um momento evolutivo, pelo uso de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), e podem qualificar suas economias, relações sociais em torno da melhor qualidade de informação. A dificuldade de lidar com todo o tipo de informação, é um dos grandes desafios que os profissionais da informação enfrentam, principalmente, os bibliotecários, pois eles possuem um zelo em atender a todas as dificuldades de

um usuário e as demandas de uma biblioteca. Com isso, o ofício do bibliotecário vem se modificando, deixando de lidar apenas com parte técnica e lidando principalmente com as desigualdades informacionais e preservando a democratização do acesso para todos aqueles que necessitam.

A desinformação está associada a problemas que prejudicam o acesso pleno à informação, porque muitas vezes ao entrarmos em uma determinada base, obtemos as informações parciais e confusas. Por isso, para evitar a desinformação, deverá haver maneiras de estruturar os bancos de dados, que facilite a busca do usuário e também resolva problemas voltados a duplicidade de informação, ou seja, todos problemas técnicos que podem prejudicar a preservação e a integridade de toda informação.

A desinformação é gerada, muitas vezes, por não possuir um interesse em checar a autenticidade da informação. Conforme Rodrigues e Blattman (2014, p.10) a fonte de informação é o que se constitui ou veicula informação, “[...] pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, meios digitais, sites e portais.”.

Romero-Rodríguez (2011, p. 4) relata que a

Desinformar seria em consequência (através da manipulação de informações de forma voluntária, inequívoca e intencional), o resultado desejado de um processo que emprega truques específicos sejam semânticos, técnicos, psicológicos; para enganar, desinformar, influir, persuadir ou controlar um objeto, geralmente com a fim de obter benefícios próprios ou para outros.

A internet pode ser considerada como um repositório aberto, capaz de viabilizar informações de toda natureza, tais como qualificadas, errôneas, incompletas, tendenciosas. No âmbito da comunicação científica não é diferente, pois são recorrentes relatos de trabalhos desonestos que foram publicados, muitas vezes até em periódicos de bastante reconhecimento. Além disso, ainda existem os problemas relacionados com a falta de competência de usuários para acessar e interpretar informações.

Zattar (2017) relata que os serviços de informação são indispensáveis para que as pessoas busquem informações de maneira refinada. O bibliotecário tem como finalidade, motivar a educação dos usuários e controlar a desinformação para que os tornem seres de pensamentos críticos sobre o uso informacional e para evitar qualquer tipo de desinformação. Dessa forma, é necessário criar mecanismos para

dar conta das tarefas de classificar a informação da internet, para que seja possível, diferenciar informações consistentes das inconsistentes, verdadeiras das enganosas, num cenário que a mudança se torna cada vez mais rápido. Steinbach e Blattmann (2006, p. 243) apontam que para “[...] os critérios de seleção de informações na web, saber recuperar a informação com precisão, evitar a desinformação ou até mesmo a sobrecarga informacional.”

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir estão descritas as etapas para o cumprimento dos objetivos da pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2003, p.83) “[...] o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo”, ou seja, a metodologia é a explicação minuciosa e passo a passo de como foram alcançados os objetivos traçados.

3.1 Tipologia de pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como de natureza descritiva e quantitativa. A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever uma determinada população ou fenômeno, estabelecendo uma relação entre as variáveis e utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008)

3.2 Coleta de dados

Conforme já descrito nos objetivos (seção 1.2), a desinformação causada por imprecisão de dados foi investigada a partir da análise da quantidade de publicações e obtenção dos Índices H de coordenadores e vice coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. A opção por este recorte parte de dois pressupostos: o primeiro diz respeito a área, acredita-se que pesquisadores da área da Ciência da Informação, que conhecem a importância da padronização de dados, tem cuidado e atenção de como serão recuperadas informações sobre a suas publicações; o segundo diz respeito ao tempo disponível para realizar um trabalho de conclusão de curso, isto é, não seria possível reunir e organizar dados sobre muitos pesquisadores, como por exemplo, incluir, além dos coordenadores todos os professores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil.

A primeira etapa da coleta de dados consistiu na identificação dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil usando a Plataforma Sucupira, disponibilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).¹⁰ A Plataforma Sucupira é um sistema de coleta de informações, avaliações sobre o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) do Brasil.

¹⁰ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/>

A partir desta lista, foram identificados os coordenadores (principal e vices) e consultas nos *websites* de cada um dos 14 Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Ciência da Informação no Brasil.

O passo seguinte, consistiu em consultar os currículos dos coordenadores na Plataforma Lattes do CNPq,² para identificar o número de artigos publicados em periódicos. Por fim, foram consultados os Índices H dos coordenadores e vice coordenadores em duas fontes de dados bibliográficos: SciELO e SCOPUS. As consultas ao SciELO e SCOPUS foram realizadas via Portal de Periódicos CAPES. A base de dados SCOPUS tem acesso restrito e só pode ser utilizada através desta ferramenta, o conteúdo do SciELO está disponível no formato aberto⁴ e também na *Web of Science*. O mecanismo de busca oferecido pela *Web of Science*, é melhor que o do próprio SciELO, pois apresenta resultados mais precisos e mostra um relatório de citações que inclui o Índice H.

Pela limitação de tempo disponível e tipo de documento indexado nas bases de dados bibliográficas, neste trabalho foram incluídos somente artigos publicados em periódicos, portanto, trabalhos apresentados em eventos, livros e capítulos não foram analisados.

3.3 Organização dos dados e análise dos dados

Os dados coletados foram transferidos para uma planilha eletrônica do software Microsoft Excel, composta as seguintes informações: 1) Nome dos Programas de Pós-Graduação e respectivas instituições; 2) Nomes dos coordenadores; 3) Nomes dos vice coordenadores; 4) Abreviaturas dos nomes disponíveis nos Currículos Lattes; 5) Número de artigos informados nos currículos Lattes; 6) Número de artigos recuperados no SciELO-WoS; 7) Número de artigos recuperados na SCOPUS; 8) Índice H SciELO, 9) Índice H SCOPUS.

Os dados foram analisados no software Microsoft Excel, que também possibilitou a criação de tabelas e gráficos.

4 RESULTADOS

Foram identificados 14 Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Também foram coletados nomes dos vice coordenadores, entretanto, quatro instituições – Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não mencionavam estes dados, portanto, o total analisado se constitui da produção científica de 24 pesquisadores (Tabela 1). Informações detalhadas da identificação das instituições, PPGs e *websites* estão disponíveis no Apêndice A.

Tabela 1 – Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação e respectivos coordenadores – Brasil, fevereiro de 2021.

Sigla dos PPGs	Nomes dos Coordenadores e Vice Coordenadores
PPGCINF - UNB	Cynthia Roncaglio (Coordenadora)
	Ana Lúcia de Abreu Gomes (Vice-Coordenadora)
PPGCI -USP	Rogério Mugnaini (Coordenador)
PPGCI - UEL	Ana Cristina de Albuquerque (Coordenadora)
	Luciane de Fátima Beckman Cavalcante (Vice-Coordenadora)
PPGCI - UFBA	Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira (Coordenadora)
	Nídia Maria Lienert Lubisco (Vice-Coordenadora)
PPGCI -UFPB	Henry Poncio Cruz de Oliveira (Coordenador)
PPGCI - UFMG	Fabício José Nascimento da Silveira (Coordenador)
PPGCI - UFPE	Nadi Helena Presser (Coordenador)
	Renato Fernandes Correa (Vice-Coordenador)
PGCin - UFSC	Adilson Luiz Pinto (Coordenador)
PPGCI - UFSCAR	Fabiano Ferreira de Castro (Coordenador)
	Rogério Aparecido Sá Ramalho (Vice-Coordenador)
PPGCI - UFC	Luiz Tadeu Feitosa (Coordenador)
	Jefferson Veras Nunes (Vice-Coordenador)
PPGCI - UFPA	Cristian Barrio Zapata (Coordenador)
	Franciele Marques Redigolo (Vice-Coordenadora)
PPGCI - UFRJ/IBICT	Gustavo Silva Saldanha (Coordenador)
	Paulo César Castro (Vice-Coordenador)
PPGCI- UFF	Vitor Manoel Marques da Fonseca (Coordenador)
	Elisabete Gonçalves de Souza (Vice-Coordenadora)
PPGCIN - UFRGS	Thiago Henrique Bragato Barros (Coordenador)
	Moises Rockemback (Vice-Coordenador)

Fonte: autora

Ao analisar os *websites* de cada PPG, verificou-se que as principais informações disponíveis são orientações sobre os processos seletivos, calendário acadêmico, histórico, localização geográfica dentro dos campi, áreas de interesse, docentes, documentos e formulários, bancas para qualificação e defesa. O detalhe que mais chamou atenção, foi a falta de dados sobre os vice coordenadores das quatro instituições já mencionadas acima. Todas os PPGs informavam ter canal no *Youtube*.

Na Plataforma Lattes, os pesquisadores podem informar variações das grafias dos seus nomes que aparecem nos seus trabalhos publicados. Na Tabela 2, é possível verificar a quantidade de diferentes grafias que os coordenadores e vice colocaram em seus currículos na Plataforma Lattes.

Tabela 2 – Número de diferentes grafias na designação de autorias dos trabalhos publicados por pesquisadores. Informações que constam nos Currículos Lattes.

Nome dos Pesquisadores	Abreviaturas Informadas nos Currículos Lattes	Nº de Diferentes Grafias
Adilson Luiz Pinto	PINTO, A. L.; PINTO, ADILSON-LUIZ; PINTO, ADILSON LUIZ	3
Ana Cristina de Albuquerque	ALBUQUERQUE, A. C.; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA DE; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA	3
Ana Lúcia de Abreu Gomes	GOMES, A. L. A.; GOMES, ANA LÚCIA DE ABREU	2
Cristian Barrio Zapata	BERRÍO-ZAPATA, C.; ZAPATA, CRISTIAN BERRIO; BERRÍO ZAPATA, CRISTIAN; BERRIO-ZAPATA, CRISTIAN; BERRIO ZAPATA, CRISTIAN; ZAPATA, C. B.; BERRÍO-ZAPATA, C.; BERRIO-ZAPATA, C.	8
Cynthia Roncaglio	RONCAGLIO, C.; RONCAGLIO, CYNTHIA	2
Elisabete Gonçalves de Souza	SOUZA, E. G.; SOUZA, ELISABETE GONÇALVES DE; DE SOUZA, ELISABETE GONÇALVES	3
Fabiano Ferreira de Castro	CASTRO, F. F. de; CASTRO, FABIANO FERREIRA DE; FERREIRA DE CASTRO, FABIANO	3
Fabício José Nascimento da Silveira	SILVEIRA, F. J. N.; SILVEIRA, FABRÍCIO JOSÉ NASCIMENTO DA	2
Franciele Marques Redigolo	REDIGOLO, FRANCIELE MARQUES; REDIGOLO, F.M.	2

Nome dos Pesquisadores	Abreviaturas Informadas nos Currículos Lattes	Nº de Diferentes Grafias
Gustavo Silva Saldanha	SALDANHA, G. S.; SALDANHA, GUSTAVO SILVA; SALDANHA, GUSTAVO	3
Henry Poncio Cruz de Oliveira	OLIVEIRA, H. P. C.; OLIVEIRA, HENRY PONCIO CRUZ DE	2
Jefferson Veras Nunes	NUNES, J. V.; NUNES, JEFFERSON VERAS	2
Luciane de Fátima Beckman Cavalcante	CAVALCANTE, L. F. B.; CAVALCANTE, LUCIANE DE FÁTIMA BECKMAN	2
Luiz Tadeu Feitosa	FEITOSA, TADEU	1
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	SOUSA, M. I. J.; BARREIRA, MARIA ISABEL DE JESUS SOUSA	2
Moises Rockemback	ROCKEMBACH, M.; ROCKEMBACH, MOISÉS; ROCKEMBACH, MOISES	3
Nadi Helena Presser	PRESSER, N. H.; PRESSER, NADI HELENA	2
Nídia Maria Lienert Lubisco	LUBISCO, N. M. L.; NÍDIA M. L. LUBISCO; LUBISCO, NÍDIA MARIA LIENERT	3
Paulo César Castro	CASTRO, PAULO CÉSAR	1
Renato Fernandes Correa	CORRÊA, R. F.; CORREA, R. F.; CORREA R.; CORREA, R; Correa, Renato Fernandes; Correa, Renato F.; CORRÊA, RENATO FERNANDES	6
Rogério Aparecido Sá Ramalho	RAMALHO, Rogério Aparecido Sá; RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO SÁ; RAMALHO, Rogério Sá; SÁ RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO	4
Rogério Mugnaini	MUGNAINI, R.; MUGNAINI, Rogério	2
Thiago Henrique Bragato Barros	BARROS, THIAGO HENRIQUE BRAGATO; BRAGATO, THIAGO HENRIQUE; BARROS, T.H.B.; BARROS, THIAGO BRAGATO; BARROS, THIAGO HENRIQUE BRAGATO	4
Vitor Manoel Marques da Fonseca	FONSECA, VITOR MANOEL MARQUES DA	1

Fonte: autora

O passo seguinte, consistiu em verificar se era possível recuperar no SciELO e SCOPUS a mesma quantidade de artigos informados nos currículos Lattes. Na Tabela 3, é possível verificar que em nenhuma das fontes foi possível recuperar o total dos artigos informados nos Currículos Lattes. Já era esperado encontrar diferenças devido a cobertura das bases de dados, mas o grau de disparidade superou as expectativas. O pesquisador com o maior número de artigos publicados, conforme dados do

currículo Lattes (n=98), no SciELO e SCOPUS a quantidade identificada foi inferior a metade.

Foram destacadas com sombreamento na Tabela 3, os pesquisadores que apresentaram resultado zero na recuperação de artigos no SciELO e SCOPUS. É válido, posteriormente, investigar melhor o motivo destas diferenças, pois nos currículos destes pesquisadores constam revistas indexadas, por exemplo, no SciELO.

Tabela 3 – Total de artigos de coordenadores de Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação em diferentes fontes de dados – Brasil, fevereiro de 2021.

Coordenadores e Vice Coordenadores	Número de Artigos		
	Lattes	SciELO	SCOPUS
Adilson Luiz Pinto	98	15	34
Ana Cristina de Albuquerque	24	0	0
Ana Lúcia de Abreu Gomes	10	3	1
Cristian Barrio Zapata	20	0	0
Cynthia Roncaglio	22	2	2
Elisabete Gonçalves de Souza	16	2	1
Fabiano Ferreira de Castro	28	9	0
Fabício José Nascimento da Silveira	19	9	0
Franciele Marques Redigolo	13	0	1
Gustavo Silva Saldanha	60	10	13
Henry Poncio Cruz de Oliveira	23	1	0
Jefferson Veras Nunes	27	0	4
Luciane de Fátima B. Cavalcante	15	0	1
Luiz Tadeu Feitosa	16	1	2
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	13	0	0
Moises Rockemback	27	1	0
Nadi Helena Presser	32	0	4
Nídia Maria Lienert Lubisco	11	0	1
Paulo César Castro de Sousa	5	0	0
Renato Fernandes Correa	29	4	19
Rogério Aparecido Sá Ramalho	22	1	1
Rogério Mugnaini	10	6	24
Thiago Henrique Bragato Barros	31	0	3
Vitor Manoel Marques da Fonseca	18	1	0

Fonte: autora

A Tabela 4, mostra o resultado da relação entre a quantidade de abreviaturas informadas pelos pesquisadores e aquelas que obtiveram resultados positivos na recuperação de artigos nas bases de dados, que denominamos como válidas. Nesta tabela, estão grifados os dois pesquisadores cujas abreviaturas informadas resultaram

em buscas positivas. Em ambas, foi possível recuperar a produção dos pesquisadores, mesmo não sendo o total informado no Lattes. Só poderá recuperar um artigo com duas ou mais abreviaturas se o pesquisador tiver padronizado o seu nome na própria base, havendo a forma escolhida e a alternada.

Um exemplo importante de destacar, é o Adilson Luiz Pinto (Coordenador da UFSC) que ao colocar sua abreviatura com hífen, encontrava a sua outra abreviatura por extenso. Para a realização da Tabela 4, foram realizadas cerca de 69 buscas diferentes para chegar nestes resultados

Tabela 4 – Relação entre o número abreviaturas informadas nos currículos Lattes e válidas na recuperação da produção científica dos pesquisadores no SciELO e SCOPUS – Brasil, fevereiro de 2021.

Coordenadores e Vice Coordenadores	Número de Abreviaturas Informadas	Número de Abreviaturas Válidas	
		SciELO	SCOPUS
Adilson Luiz Pinto	3	2	1
Ana Cristina de Albuquerque	3	0	0
Ana Lúcia de Abreu Gomes	2	1	1
Cristian Barrio Zapata	8	6	1
Cynthia Roncaglio	2	2	2
Elisabete Gonçalves de Souza	3	1	1
Fabiano Ferreira de Castro	3	2	0
Fabrcio José Nascimento da Silveira	3	1	0
Franciele Marques Redigolo	2	0	1
Gustavo Silva Saldanha	3	2	1
Henry Poncio Cruz de Oliveira	3	1	0
Jefferson Veras Nunes	2	0	1
Luciane de Fátima B. Cavalcante	2	0	1
Luiz Tadeu Feitosa	1	0	1
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	2	1	0
Moises Rockemback	3	3	2
Nadi Helena Presser	2	0	1
Nidia Maria Lienert Lubisco	3	0	1
Paulo César Castro de Sousa	1	0	1
Renato Fernandes Correa	6	2	4
Rogério Aparecido Sá Ramalho	4	2	2
Rogério Mugnaini	2	2	2
Thiago Henrique Bragato Barros	5	0	2
Vitor Manoel Marques da Fonseca	1	1	0

Fonte: autora

A Tabela 5, mostra as abreviaturas que foram encontradas de cada pesquisador na SciELO e no SCOPUS. Os que estão destacados em vermelho foram as abreviaturas validadas de cada pesquisador. Como é possível analisar, as bases encontravam com maior facilidade os autores que estavam com seu nome por extenso em ambas as bases. Ainda em tempo, haviam pesquisadores que eram encontradas as mesmas abreviaturas, tanto na SciELO, quanto na SCOPUS.

Os pesquisadores da SciELO haviam maior visibilidade, pois suas abreviaturas eram encontradas com maior facilidade do que a SCOPUS. Foi destacada em cinza, a pesquisadora que não foi encontrada nenhuma abreviatura em ambas as bases.

Na SCOPUS, muitos pesquisadores haviam abreviaturas duplicadas, dificultando na hora de buscar um determinado documento, pois em cada uma possuía uma quantidade de documentos, Índice H e local, prejudicando a exatidão dos dados.

Tabela 5 – Abreviaturas encontradas na SciELO e SCOPUS

Coordenadores e Vice Coordenadores	Abreviaturas encontradas SciELO	Abreviaturas encontradas SCOPUS
Adilson Luiz Pinto	PINTO, A. L.; PINTO, ADILSON-LUIZ; PINTO, ADILSON LUIZ	PINTO, A. L.; PINTO, ADILSON-LUIZ; PINTO, ADILSON LUIZ
Ana Cristina de Albuquerque	ALBUQUERQUE, A. C.; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA DE; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA	ALBUQUERQUE, A. C.; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA DE; ALBUQUERQUE, ANA CRISTINA
Ana Lúcia de Abreu Gomes	GOMES, A. L. A.; GOMES, ANA LÚCIA DE ABREU	GOMES, A. L. A.; GOMES, ANA LÚCIA DE ABREU
Cristian Barrio Zapata	BERRÍO-ZAPATA, C.; ZAPATA, CRISTIAN BERRIO; Berrío Zapata, Cristian; Berrío-Zapata, Cristian; Berrío Zapata, Cristian; Zapata, C. B.; Berrío-Zapata, C.; Berrío-Zapata, C.	BERRÍO-ZAPATA, C.; ZAPATA, CRISTIAN BERRIO; Berrío Zapata, Cristian; Berrío-Zapata, Cristian; Berrío Zapata, Cristian; Zapata, C. B.; Berrío-Zapata, C.; Berrío-Zapata, C.
Cynthia Roncaglio	RONCAGLIO, C.; RONCAGLIO, CYNTHIA	RONCAGLIO, C.; RONCAGLIO, CYNTHIA
Elisabete Gonçalves de Souza	SOUZA, E. G.; SOUZA, ELISABETE GONÇALVES DE; DE SOUZA, ELISABETE GONÇALVES	SOUZA, E. G.; SOUZA, ELISABETE GONÇALVES DE; DE SOUZA, ELISABETE GONÇALVES
Fabiano Ferreira de Castro	CASTRO, F. F. de; CASTRO, FABIANO	CASTRO, F. F. de; CASTRO, FABIANO

Coordenadores e Vice Coordenadores	Abreviaturas encontradas SciELO	Abreviaturas encontradas SCOPUS
	FERREIRA DE; FERREIRA DE CASTRO, FABIANO	FERREIRA DE; FERREIRA DE CASTRO, FABIANO
Fabrício José Nascimento da Silveira	SILVEIRA, F. J. N.; SILVEIRA, FABRÍCIO JOSÉ NASCIMENTO DA	SILVEIRA, F. J. N.; SILVEIRA, FABRÍCIO JOSÉ NASCIMENTO DA
Franciele Marques Redigolo	REDIGOLO, Franciele Marques; REDIGOLO, F.M.	REDIGOLO, Franciele Marques; REDIGOLO, F.M.
Gustavo Silva Saldanha	SALDANHA, G. S.; SALDANHA, GUSTAVO SILVA; SALDANHA, GUSTAVO	SALDANHA, G. S.; SALDANHA, GUSTAVO SILVA; SALDANHA, GUSTAVO
Henry Poncio Cruz de Oliveira	OLIVEIRA, H. P. C.; OLIVEIRA, HENRY PONCIO CRUZ DE	OLIVEIRA, H. P. C.; OLIVEIRA, HENRY PONCIO CRUZ DE
Jefferson Veras Nunes	NUNES, J. V.; NUNES, JEFFERSON VERAS	NUNES, J. V.; NUNES, JEFFERSON VERAS
Luciane de Fátima B. Cavalcante	CAVALCANTE, L. F. B.; CAVALCANTE, LUCIANE DE FÁTIMA BECKMAN	CAVALCANTE, L. F. B.; CAVALCANTE, LUCIANE DE FÁTIMA BECKMAN
Luiz Tadeu Feitosa	FEITOSA, Tadeu	FEITOSA, Tadeu
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	SOUSA, M. I. J.; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa	SOUSA, M. I. J.; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa
Moises Rockembach	ROCKEMBACH, M.; ROCKEMBACH, MOISÉS; ROCKEMBACH, MOISES	ROCKEMBACH, M.; ROCKEMBACH, MOISÉS; ROCKEMBACH, MOISES
Nadi Helena Presser	PRESSER, N. H.; PRESSER, NADI HELENA	PRESSER, N. H.; PRESSER, NADI HELENA
Nídia Maria Lienert Lubisco	LUBISCO, N. M. L.; Nídia M. L. Lubisco; LUBISCO, NÍDIA MARIA LIENERT	LUBISCO, N. M. L.; Nídia M. L. Lubisco; LUBISCO, NÍDIA MARIA LIENERT
Paulo César Castro de Sousa	CASTRO, Paulo César	CASTRO, Paulo César
Renato Fernandes Correa	CORRÊA, R. F.; CORREA, R. F.; CORREA R.; CORREA, R; Correa, Renato Fernandes; CORRÊA, RENATO FERNANDES	CORRÊA, R. F.; CORREA, R. F.; CORREA R.; CORREA, R; Correa, Renato Fernandes; CORRÊA, RENATO FERNANDES
Rogério Aparecido Sá Ramalho	RAMALHO, Rogério Aparecido Sá; RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO SÁ; RAMALHO, Rogério Sá; SÁ RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO	RAMALHO, Rogério Aparecido Sá; RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO SÁ; RAMALHO, Rogério Sá; SÁ RAMALHO, ROGÉRIO APARECIDO
Rogério Mugnaini	MUGNAINI, R.; Mugnaini, Rogério	MUGNAINI, R.; Mugnaini, Rogério
Thiago Henrique Bragato Barros	BARROS, Thiago Henrique Bragato; Bragato, Thiago Henrique; Barros, T.H.B.; Barros, Thiago Bragato;	BARROS, Thiago Henrique Bragato; Bragato, Thiago Henrique; Barros, T.H.B.; Barros, Thiago Bragato;

Coordenadores e Vice Coordenadores	Abreviaturas encontradas SciELO	Abreviaturas encontradas SCOPUS
	Barros, Thiago Henrique Bragato	Barros, Thiago Henrique Bragato
Vitor Manoel Marques da Fonseca	FONSECA, Vitor Manoel Marques da	FONSECA, Vitor Manoel Marques da

Fonte: autora

A etapa seguinte, consistiu em identificar os Índices H dos pesquisadores. Conforme já mencionado, o Índice H é gerado, a partir da relação entre o número de publicações e citações recebidas, portanto, fontes de dados que não contabilizam citações não disponibilizam esta informação, e aqui utilizamos o SciELO e SCOPUS.

Na SciELO para encontrar o Índice H, é possível colocar todas as abreviaturas dos pesquisadores através da adição de uma nova linha, ligado através do operador booleano “OR”. Já a SCOPUS, não tem essa possibilidade, tornando a busca mais demorada e exaustiva, pois é necessário colocar uma abreviatura de cada vez.

Tabela 6 – Índices H dos Coordenadores e Vice Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Brasil, março de 2021.

Coordenadores e Vice Coordenadores	Índice H SciELO	Índice H SCOPUS
Adilson Luiz Pinto	2	3
Ana Cristina de Albuquerque	0	0
Ana Lúcia de Abreu Gomes	0	0
Cristian Barrio Zapata	2	1
Cynthia Roncaglio	0	2
Elisabete Gonçalves de Souza	0	0
Fabiano Ferreira de Castro	0	0
Fabício José Nascimento da Silveira	1	0
Franciele Marques Redigolo	0	1
Gustavo Silva Saldanha	1	1
Henry Poncio Cruz de Oliveira	0	0
Jefferson Veras Nunes	0	1
Luciane de Fátima Beckman Cavalcante	0	0
Luiz Tadeu Feitosa	0	0
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	0	0
Moises Rockemback	0	1
Nadi Helena Presser	0	1
Nídia Maria Lienert Lubisco	0	1
Paulo César Castro de Sousa	0	0
Renato Fernandes Correa	0	4

Rogério Aparecido Sá Ramalho	0	0
Rogério Mugnaini	2	5
Thiago Henrique Bragato Barros	0	2
Vitor Manoel Marques da Fonseca	1	0

Fonte: autora

Conforme pode ser verificado na Tabela 7, os resultados destas análises, no contexto deste trabalho, são possíveis dizer que o Índice H não é um indicador adequado para avaliar o impacto dos trabalhos realizados por pesquisadores da área da Ciência da Informação no Brasil. Mesmo entre os pesquisadores que apresentam Índice H diferente de zero, os resultados foram baixos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da produção científica mundial está cada vez mais visível com o uso de tecnologias da informação e principalmente para facilitar o acesso a materiais. É perceptível que o número de bases de dados, bibliotecas digitais, e repositórios institucionais crescem a cada dia, disponibilizando publicações de maneira mais íntegra e confiável. Há diversas ferramentas que facilitam a visibilidade para estudos de todas as áreas do conhecimento, melhorando também, a discussão entre pesquisadores, cientistas e seus pares, porque suas pesquisas podem ser vistas por vários profissionais. (MORAES, 2012).

Conforme o que foi proposto por este trabalho, analisar se a falta de padronização pode gerar desinformação, foi comprovado que diante das bases analisadas, vários dados não foram possíveis de recuperar. Há muita disparidade de informações em diferentes fontes de dados. Acredita-se que a Plataforma Lattes, é a fonte mais confiável, pois as informações são preenchidas pelos próprios pesquisadores. Entretanto, se a Ciência da Informação brasileira almeja ter reconhecimento internacional, precisa estar mais atenta às informações disponíveis sobre a produção científica dos pesquisadores da área, porque só assim conseguirá ter o reconhecimento que deseja. No que diz respeito ao impacto dos trabalhos analisados a partir das citações, as informações são ainda mais precárias, pois muitas informações não eram encontradas.

Diante dos dados analisados, é perceptível que os coordenadores e vice coordenadores possuem grande quantidade de artigos publicados conforme o

Currículo Lattes, mas há um nível de desinformação considerável, visto a disparidade dos dados obtidos. Portanto, verificou-se que a incompletude, imperfeição e falta de padronização podem prejudicar a recuperação de informações.

A grafia do nome dos pesquisados deve ser informada corretamente para não haver perda e nem diferenças de informações como foram encontradas nas bases, visto que prejudica a recuperação de informação, pois nem todos os usuários sabem utilizar filtros. Por isso, é necessário que cada autor deixe as formas dos nomes como alternativas, mas de uma forma alternada ao nome padrão em cada base.

Durante as atividades do GEMCI, uma das maiores dificuldades encontradas nas consultas no portal da SciELO, foi a impossibilidade de fazer a distinção de gênero, existindo informações que eram descartadas de alguns periódicos, provocando grande impacto nos resultados obtidos. Neste trabalho, apesar de se conseguir fazer essa distinção, repetiu-se a perda excessiva de dados, pois conforme fossem alterados os filtros e abreviaturas dos pesquisadores, menos registros eram encontrados, sem saber ao certo, se é por causa da cobertura das bases de dados ou se realmente os artigos não foram indexados.

Ao pesquisar nas bases de dados SciELO e SCOPUS, foram realizadas 69 buscas com as abreviaturas dos pesquisadores conforme mencionadas no currículo Lattes. No entanto, foram feitos diversos testes para validar essa pesquisa, utilizando um padrão de filtros para todos.

No currículo Lattes, alguns autores destacaram que suas abreviaturas podiam ser encontradas pelo sobrenome e as iniciais de seu nome, mas ao entrar na base de dados da *Web of Science*, a maioria dos pesquisados não resultou registros, gerando resultado apenas com o nome por extenso do autor. Já na base SCOPUS, em alguns casos, foi possível colocar o nome por iniciais, recuperando a busca pelo nome extenso do autor, exemplificado através da autora REDIGOLO, F.M., onde se encontrou a abreviatura por extenso: REDIGOLO, Franciele Marques.

O Índice H trata-se de um indicador com reconhecimento internacional, há pesquisadores de outras áreas que possuem o Índice H superior a 100. Entretanto, no contexto analisado por este trabalho não se mostrou satisfatório. Existem muitos fatores que devem ser considerados no que tange à possibilidade de afetar e influenciar os valores dos indicadores, como: conteúdo, banco de dados, software que cada plataforma utiliza e o modo que foram indexados os artigos científicos.

Por fim, levando em conta que a falta de precisão e consistência são indicadores de desinformação, há muita desinformação em relação a determinação do Índice H de pesquisadores brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ANGELON, Elisabete; COLEPICOLO, Eliane. Importância da padronização dos nomes de autores nos periódicos para maior visibilidade. **Portal de periódicos UFSCAR**, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufscar.br/noticias/importancia-da-padronizacao-dos-nomes-de-autores-nos-periodicos-para-maior-visibilidade>. Acesso: 20 abr. 2020.
- ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 1, 1991. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/414>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- ASSUMPÇÃO, Fabrício Silva. **O que é controle de autoridade?**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://fabricioassumpcao.com/2015/06/o-que-e-controle-de-autoridade.html>. Acesso em: 13 maio 2020.
- ASSUMPÇÃO, Fabrício Silva; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; ZAFALON, Zaira Regina. O controle de autoridade no domínio bibliográfico: os catálogos digitais. **Biblios**, Pittsburgh, n. 68, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1562-47302017000300002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 13 jun 2020.
- BURGER, Robert Harold. **Authority work: the creation, use, maintenance, and evaluation of authority records and files**. Traduzido por Fabrício Assumpção. Littleton: Libraries Unlimited, 1985.
- DIAS, Eduardo José Wense. Contexto Digital e Tratamento da Informação. **DataGramZero** : Revista de Ciência da Informação, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 01-07, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6855>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- FIRME, Simone Machado; MIRANDA, Angélica Conceição Dias; SILVA, João Alberto. Produção do conhecimento científico: um estudo das redes colaborativas. **BIBLOS**, Rio Grande, v. 31, n. 2, p. 45-61, jun. 2017. ISSN 2236-7594. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8019/5267>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 01-07, 2003. DOI <https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i1.2089>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de. Comparando el índice h con otros indicadores bibliométricos en el tema "Estudios Métricos" en el

SciELO, en Ciencia de la Información. **Ibersid**: Revista de Sistemas de Información y Documentación, [S. l.], v. 4, p. 123-129, 2010. Disponível em: <https://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3802>. Acesso em: 13 maio 2020.. Acesso em: 18 abr. 2020.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos nos suportes impresso e eletrônico: apontamentos para um estudo-piloto na UFRGS. **Revista Electrónica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y la Comunicación**, [s. l.], v. 8, ed. 2, 2006. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/285>. Acesso em: 23 jun. 2020.

HJORLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n.2, p. 87-111, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285929806_Fundamentals_of_Knowledge_Organization. Acesso em: 23 jun. 2020.

HOOD, William W.; WILSON, Concepción S. Informetric studies using databases: opportunities and challenges. *Scientometrics*, [S. l.], v. 58, n. 3, p.587-608, 2003.

HUTH, Edward J. Irresponsible authorship and wasteful publication. **Annals of International Medicine**, 1985.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Índice H. Porto Alegre: Biblioteca Central Irmão José Otão, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/apoio-a-pesquisa/bibliometria/indice-h/#:~:text=O%20%C3%8Dndice%20H%20n%C3%A3o%20%C3%A9,de%20artigos%20publicados%20por%20ele>. Acesso em: 13 maio 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAIA, Maria de Fátima S.; CAREGNATO, Sônia Elisa. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 18-31, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARQUES, Fabrício. Os limites do índice-h. Ed. 207, **Pesquisa FAPESP**. 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2013/05/14/os-limites-do-indice-h/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MEADOWS, Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MONTEIRO, Rosângela. *et al.* Critérios de autoria em trabalhos científicos: um assunto polêmico e delicado. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São José do Rio Preto, v. 19, n. 4, p. 1-6, 2004. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76382004000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso: 12 mar. 2020.

MORAES, Maria Helena Machado de. As tecnologias de informação e comunicação contribuindo para a disseminação da produção científica. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 26, n. 1, p. 57-63, 2012.

Disponível em:

<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4103/As%20tecnologias%20de%20informação%20e%20comunicação%20contribuindo%20para%20a%20disseminação%20da%20produção%20científica..pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NASSI-CALÓ, Lilian. Critérios de autoria preservam a integridade na comunicação científica. **SciELO em Perspectiva**. 2018. Disponível em:

www.blog.scielo.org/blog/2018/03/14/criterios-de-autoria-preservam-a-integridade-na-comunicacao-cientifica/#.YFJ02p30nIV. Acesso em: 17 mar. 2021.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 189-203, 2001. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/428>. Acesso em: 18 mar. 2020.

OLIVEIRA, Larissa Melo Bezerra de. **Direito autoral no acesso aberto à literatura científica**. Orientador: Sely Maria de Souza Costa. 2008. 55 f. Monografia (Bacharel em Biblioteconomia) - Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Brasília, Universidade de Brasília, 2008.

Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/644/1/2008_LarissaMeloBezerra.pdf. Acesso em: 13 maio 2020.

SCOPUS. O QUE é Scopus Preview?. 2020. Disponível em:

https://service.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/15534/supporthub/scopus/#tips. Acesso em: 13 jun. 2020.

PETROIANU, Andy. Critérios para autoria e avaliação de uma publicação científica. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 37, n. 1, p. 1-5, 2009. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 maio 2020.

RAYWARD, W. Boyd. A History of Computer Applications in Libraries: Prolegomena. **IEEE Annals of the History of Computing**, v. 24, n. 2, p. 4-15, Apr./Jun. 2002.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/3330827_A_history_of_computer_applications_in_libraries_Prolegomena Acesso em: 30 abr. 2020.

RIBEIRO, Ednaldo Aparecido; BORBA, Julian; HANSEN, Jaqueline Resmini. Internet e ativismo político na América Latina e Caribe: recursos individuais e oportunidades de acesso. **Civitas** : Revista de Ciências Sociais, v. 19, n. 1, p. 1-20, 2019.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/30332/17725>. Acesso em: 13 maio 2020.

RODRIGUES, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis Miguel. **La manipulación informativa y la desinformación: la anomia de los receptores y el fomento de las víctimas propiciatorias**. Universidad de Almería, 2011.

STEINBACH, Vanessa; BLATTMANN, Ursula. Mapeamento de índices e indicadores: experiência didática. p. 243-256. **Revista ACB**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 243-256, 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/478/609>. Acesso em: 04 mai. 2020.

STREHL, Leticia. O fator de impacto do ISI e a avaliação da produção científica: aspectos conceituais e metodológicos. **Ciência da Informação**, 2005, v. 34, n. 1, p. 19-27, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652005000100003&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 13 maio 2020.

THOMAZ, Petronio Generoso; ASSAD, Renato Samy; MOREIRA, Luiz Felipe P. Uso do Fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, São Paulo, v. 96, 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2011000200001>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2011000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2020.

TUDJMAN, Miroslav; MIKELIC, Nives. **Information Science: Science about Information, Misinformation and Disinformation**. Croatia: University of Zagreb, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320663616_Information_Science_Science_about_Information_Misinformation_and_Disinformation. Acesso em: 10 jul. 2020.

VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 42-55, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-99362010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 jun.2020.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liincem Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 285-293, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075/3385>. Acesso: 20 Mar. 2020

APÊNDICE A – Lista dos Programas de Pós-Graduação, siglas e links.

INSTITUIÇÃO	LINK
UnB	http://www.ppgcinf.fci.unb.br
USP	http://www3.eca.usp.br/pos/ppgci
UEL	http://www.uel.br/pos/ppgci/portal/
UFBA	https://ppgci.ufba.br/
UFPB	https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=1871
UFMG	http://ppgci.eci.ufmg.br/
UFPE	https://www.ufpe.br/ppgci
UFSC	https://pgcin.ufsc.br/en/coordenacao-do-curso/
UFSCAR	http://www.ppgci.ufscar.br/
UFC	https://ppgci.ufc.br/
UFPA	https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?lc=pt_BR&id=1944
IBICT/UFRJ	http://www.ppgci.ufrj.br/pt/
UFF	http://ppgci.uff.br/
UFRGS	https://www.ufrgs.br/ppgcin/#:~:text=O%20Programa%20de%20P%C3%B3s%20Gradua%C3%A7%C3%A3o,da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%2C%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Museologia.

APÊNDICE B – Lista das Instituições e Respectivos Coordenadores

Instituição	Nome do Coordenador e Vice Coordenadores
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Adilson Luiz Pinto (Coordenador)
Universidade Estadual de Londrina - UEL	Ana Cristina de Albuquerque (Coordenadora)
Universidade de Brasília (UnB)	Ana Lúcia de Abreu Gomes (Vice-Coordenadora)
Universidade Federal do Pará - UFPA	Cristian Barrio Zapata (Coordenador)
Universidade de Brasília (UnB)	Cynthia Roncaglio (Coordenadora)
Universidade Federal Fluminense - UFF	Elisabete Gonçalves de Souza (Vice-Coordenadora)
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	Fabiano Ferreira de Castro (Coordenador)
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Fabrício José Nascimento da Silveira
Universidade Federal do Pará - UFPA	Franciele Marques Redigolo (Vice-Coordenadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)	Gustavo Silva Saldanha (Coordenador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Henry Poncio Cruz de Oliveira (Coordenador)
Universidade Federal do Ceará – UFC	Jefferson Veras Nunes (Vice-Coordenadora)
Universidade Estadual de Londrina - UEL	Luciane de Fátima Beckman Cavalcante (Vice-Coordenadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC	Luiz Tadeu Feitosa (Coordenador)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira (Coordenadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Moises Rockemback (Vice-Coordenador)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	Nadi Helena Presser (Coordenador)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Nídia Maria Lienert Lubisco (Vice-Coordenadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)	Paulo César Castro de Sousa (Vice-Coordenador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Renato Fernandes Correa (Vice-Coordenador)

Instituição	Nome do Coordenador e Vice Coordenadores
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	Rogério Aparecido Sá Ramalho (Vice-Coordenador)
Universidade de São Paulo (USP)	Rogério Mugnaini (Coordenador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Thiago Henrique Bragato Barros (Coordenador)
Universidade Federal Fluminense – UFF	Vitor Manoel Marques da Fonseca (Coordenador)

ANEXO A – Termo de reconhecimento de versão final do TCC

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**



TERMO DE RECONHECIMENTO DE VERSÃO FINAL DO TCC

Eu, professor Maria de Fatima Santos Maia reconheço a versão final para entrega e armazenamento do trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia sob o título de Autorias na comunicação científica: a falta de padronização com indício de desinformação com o total de 49 páginas.

Rio Grande, 25 de maio de 2021.

Maria de Fatima S. Maia

Maria de Fatima Santos Maia